

AMBIENTE // PLANTAS INVASORAS NO PAÍS

Penachos em terrenos abandonados no Polo da Asprela da Universidade do Porto



Espécies infestantes ameaçam habitats de flora portuguesa

● 670 espécies exóticas equivalem a 18% do total no continente

● JN inicia hoje colaboração com projeto de divulgação e pesquisa

Alfredo Maia
amaia@jn.pt

Jacinto-de-água, bons-dias, robinia, erva-da-fortuna... Os nomes são sugestivos e a beleza é inegável. Mas não são recomendáveis. Estão na lista de plantas invasoras, nefastas para a natureza, economia e saúde.

Invasora é "a espécie suscetível de, por si própria, ocupar o território de uma forma excessiva, em área ou em número de indivíduos, provocando uma modificação significativa nos ecossistemas", define o Decreto-Lei n.º 565/99.

Invasoras são cerca de 8% das espécies exóticas (não pertencem à nossa flora) que se conhecem em Portugal

continental. E já são em excesso: pelo menos 670, correspondendo a 18% da flora nativa. O problema é o terreno que ganham e os impactes que causam, como o JN mostra, a partir de hoje, durante 12 semanas, com a publicação de fichas das principais invasoras.

"Quando cheguei aos Açores perguntei 'onde é que está a primeira nativa?'" conta Hélia Marchante, investigadora na Escola Superior Agrária de Coimbra, que integra a equipa do projeto "Plantas Invasoras: uma ameaça vinda de fora", uma parceria com o Centro de Ecologia Funcional (CEF) da Universidade de Coimbra.

Uma vez "largadas" na Natureza, dotadas de grande capacidade de propagação vegetativa (rebentam de touça ou de raiz) e seminal (sementes em bancos no solo mantêm-se viáveis durante anos, germinam vigorosamente, sobretudo quando estimuladas

(endemismos) como o cedro-mato, o trovisco-macho e a laurissilva.

Os números só refletem o que se conhece, não a quantidade e a extensão reais, observa Elizabete Marchante, do CEF. Daí a importância do projeto e da plataforma www.invasoras.pt. Nesta, além de obter informação sobre o assunto, qualquer pessoa pode colaborar, fornecendo dados e contribuindo para o mapa de avistamentos.

Propagação rápida

Uma vez "largadas" na Natureza, dotadas de grande capacidade de propagação vegetativa (rebentam de touça ou de raiz) e seminal (sementes em bancos no solo mantêm-se viáveis durante anos, germinam vigorosamente, sobretudo quando estimuladas

pelo fogo), aproveitam os espaços abertos com mobilizações de solos, tempestades e incêndios.

De crescimento rápido e capacidade de dispersão, conquistam espaços aquáticos importantes para a irrigação agrícola e para a fauna e a flora (exemplo: o jacinto-de-água na pateira de Fermentelos), extensas manchas em áreas protegidas (acácia no Parque Nacional da Peneda-Gerês), bermas de estradas e terrenos abandonados (penachos).

Causando elevados prejuízos na economia agroflorestal e no seu controlo (mil milhões de euros de perdas anuais na Europa), são fonte de alergias nos espaços urbanos e uma ameaça aos ecossistemas, eliminando ou reduzindo importantes espaços de habitat natural. ●

PLANTAS INVASORAS (1)



Acacia dealbata

MIMOSA

Nos primeiros meses do ano, pinta de amarelo encostas e bordas de estradas. Inspira poetas, teve horas de festa minhota e ainda hoje colhe simpatia popular. Mas a mimosá é uma das piores invasoras. A *Acacia dealbata* distingue-se pelas folhas perenes, verde-acinzentadas, compostas por mais de duas dezenas de segmentos, com mais de 50 pequeníssimos foliolos cada. E pelas flores, amarelo-vivas, milimétricas, agregadas em inflorescências que formam grandes cachos.

Árvore de grande porte, originária do Sudoeste da Austrália, foi introduzida em Portugal para fins ornamentais, estabilização de solos e obtenção de madeira. Veio para invadir. Em ambientes de terrenos frescos em vales, zonas montanhosas, margens de cursos de água e de estradas, rebenta vigorosamente, após o corte e brota de sementes acumuladas no solo, especialmente após os incêndios. Formando povoamentos muito densos, gera impactos sérios: impede o desenvolvimento da vegetação nativa (amieiros, choupos, carvalhos...), diminui a produtividade florestal, reduz o fluxo das linhas de água, agrava a erosão, causa alergias e custa milhões de euros a controlar. (Ver ficha em www.invasoras.pt)